

Ballet Gulbenkian (1961-2005)
Um corpo de Dança na memória de Portugal
DOI: 10.34640/universidademadeira2022laginha

António LAGINHA¹

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL/UL)
Centro de Dança de Oeiras
alaginha@meo.pt

Resumo: O *Ballet Gulbenkian*, que, indubitavelmente, foi a maior companhia de dança portuguesa do século vinte (com uma projecção nacional e internacional que nenhuma atingiu até ao presente) foi retratada no documentário *Um corpo que Dança* (2022), por Marco Martins e colaboradores, de um modo incongruente, do ponto de vista histórico, preconceituoso, do ponto de vista artístico, desequilibrado e desrespeitador da obra de muitos – e grandes artistas da dança – em benefício de alguns que nada de muito substantivo deixaram no agrupamento.

Palavras-chave: dança, ballet, filme, Portugal, Gulbenkian

Abstract: *The Gulbenkian Ballet, which was undoubtedly the greatest Portuguese dance company of the 20th century (with a national and international projection that none has reached to date) was portrayed in the documentary A body that Dances (2022), by Marco Martins and collaborators, in a incongruous way, from a historical point of view, prejudiced, from an artistic point of view, unbalanced and disrespectful of the work of many – and great dance artists – for the benefit of some who left nothing very substantive in the group.*

Keywords: *dance, ballet, film, Portugal, Gulbenkian*

O dia 16 de Junho de 2022 marcou a data da estreia oficial nos cinemas do documentário *Um corpo que Dança* (2022), do realizador Marco Martins, sobre a história do extinto *Ballet Gulbenkian* (1961-2005) (abaixo designado por BG). O mesmo já havia sido apresentado a 25 de Janeiro, em antestreia para um grupo restrito de convidados, no grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian (abaixo designada por FCG). Nessa ocasião Isabel Mota, então presidente do seu conselho de administração, referiu que a obra “nasceu de um desejo do falecido Jorge Salavisa” (Mota, 2022), um dos directores artísticos da companhia, o que causou enorme surpresa num grupo muito expressivo de antigos bailarinos e colaboradores do BG, presentes na sala. Até porque, após a inesperada e polémica extinção do referido grupo de dança, em 2005, sob a presidência de Rui Vilar, a FCG tudo parece ter feito para se desembaraçar da sua impagável memória.

¹ O autor escreve segundo as regras anteriores ao Acordo Ortográfico de 1990, o qual não foi ratificado por todos os países de língua portuguesa.

O conteúdo do filme marcou (pela negativa) a “memória da saudade” associada a muitos dos que trabalharam no grupo e, naturalmente, conheceram a realidade de uma estrutura extraordinária que foi, basicamente, aniquilada por razões mesquinhas depois de 44 anos de um “serviço público” artístico, ímpar e meritório. Aquela que, indubitavelmente, foi a maior companhia de dança portuguesa do século vinte (com uma projecção nacional e internacional que nenhuma atingiu até ao presente) aparece retratada por Marco Martins - e colaboradores - de um modo incongruente, do ponto de vista histórico, preconceituoso, do ponto de vista artístico, desequilibrado e desrespeitador da obra de muitos – e grandes artistas da dança – em benefício de alguns que nada de muito substantivo deixaram no agrupamento.

Mesmo antes de se visionar a obra, poder-se-ia cogitar – ainda que de um modo algo simplista – se se deveria ter boas expectativas sobre um realizador que, em 2011, fizera um documentário biográfico panegírico de Jorge Salavisa (*Jorge Salavisa - Keep Going*, 2011) que muitos rotularam de pretensioso, ferido de subjectividade e com duvidosa sustentação artística. Ou, por que razão decidiu a FCG fazer a vontade a um defunto (Salavisa) e dar-lhe um protagonismo muito para além do seu merecimento, depois de anos de deliberado apagamento do BG e, seguramente, de ter recusado outros projectos meritórios na área da Dança?

O próprio Marco Martins já tinha afirmado que:

[...] sabia como era particularmente ambicioso fazer um filme sobre os quarenta anos de uma companhia que mudou a forma de pensar e fazer dança em Portugal. Uma companhia que formou grande parte das novas gerações da dança e um público exigente e conhecedor. Uma companhia envolta numa certa mitologia, rodeada de paixões e, como todas as paixões, com um final turbulento. (Martins como citado em Comunidade Cultura e Arte, 2022, parag. 3)

O grupo foi fundado em Maio de 1961 – com o apoio da FCG e com o nome de *Grupo Experimental de Ballet* – tendo como primeiro director artístico e coreógrafo residente o britânico Normal Dixon (1926–2020). Entre 1965 e 1969, a direcção artística do *Grupo Gulbenkian de Bailado* esteve a cargo do coreógrafo escocês Walter Gore (1910–1979), com quem a companhia adquiriu e consolidou um carácter ainda mais profissional. De 1970 a 1975, teve como director artístico o croata Milko Sparembek (1928), que a conduziu a um patamar internacional e de grande projecção, nomeadamente na Europa. Jorge Salavisa (1939–2020) foi o director artístico do BG, entre 1977 e 1996, e entre 1996 e 2003, a sua direcção artística esteve a cargo da brasileira Iracity Cardoso, tendo sido sucedida por Paulo Ribeiro, que assistiu à sua extinção, em 2005. Na altura, a inusitada decisão da Fundação Calouste Gulbenkian em encerrar o *Ballet Gulbenkian* causou surpresa na comunidade dos profissionais da dança e até protestos por parte de diversas entidades privadas e, mesmo, de partidos políticos. Tendo a FCG propositadamente alienado o seu espólio tangível (cenografia e figurinos) e, irremediavelmente, deixado perder uma parte muito substancial do seu acervo coreográfico, a real história da companhia continua em toda a sua plenitude na memória de bailarinos, coreógrafos, cenógrafos, figurinistas, músicos e técnicos, que dedicaram muito das suas vidas a um trabalho tão singular (Laginha, 2014).

Reportando-nos ao filme, e deixando para trás erros crassos que acompanham o título, desde logo a incidência da película, parece ter-se colocado em aspectos colaterais, como é o caso da Guerra Colonial (que aniquilou um outro projecto nascido em paralelo com o *Grupo Experimental de Ballet*, chamado *Companhia Portuguesa de Bailado* no Teatro

Nacional de S.Carlos) ou da figura do norte-americano Merce Cunningham, que nunca teve sequer uma obra sua no reportório da companhia!

É indiscutível – pois há documentação escrita que o comprova – que os sucessivos directores artísticos pré-Salavisa ter-se-ão esforçado, antes dos anos 80, por criar uma companhia com uma personalidade artística própria e não com menor profissionalismo, e em elevar sempre a exigência do trabalho de coreógrafos (incluindo os portugueses) e bailarinos, artistas plásticos e músicos, tendo sido Milko Sparembek que, verdadeiramente, transformou o BG numa companhia internacional de referência. E que, aliás, foi quem criou os estúdios coreográficos de onde vieram a sair os dois mais prolíficos coreógrafos da companhia dirigida por Salavisa: Vasco Wallenkamp e Olga Roriz. Ambos, especialmente apoiados pelo Serviço de Música, na pessoa do director-adjunto Carlos Pontes Leça. Figura que o realizador ignorou por completo, mas que teve um papel determinante nos destinos do BG, desde a saída de Madalena Perdição da Fundação até à sua extinção pelo Conselho de Administração presidido por Rui Vilar. O qual terá ordenado o aniquilamento da companhia sob o pretexto de se vir a apoiar a dança nacional de modos “diferentes”, coisa que, aliás, nunca veio a acontecer. Depois de Isabel Mota ter feito a vontade a Salavisa, financiando este filme, Vilar, alegadamente, terá obrigado o realizador a mudar o seu final.

Se alguns artistas, como Clara Andermatt –, que nem sequer foi bailarina da companhia – e outros que por ela passaram com a maior das brevidades (como é o caso de Francisco Camacho e João Fiadeiro) se sentirão felizes por ver o seu trabalho altamente valorizado por Martins, o que é certo é que muitos outros artistas não se identificam com um filme sectário e desequilibrado que, uma vez mais, glorifica uma personagem - que, na verdade, parece ter-se limitado a obedecer à “voz do dono” - e se perde por longas divagações de ordem sociológica em detrimento da própria dança e dos talentosos artistas do BG. Em vez de fixar com assertividade, respeito e coerência o seu legado neste filme.

Um corpo que Dança (Martins, 2022), mais parece uma homenagem a alguns dos que fizeram a história mais recente do *Ballet Gulbenkian*, deixando ao livre arbítrio de cada um o inesquecível legado de, por exemplo, três figuras seminais na direcção da companhia: Dixon, Gore e Sparembek; as preciosas colaborações de coreógrafos tão importantes nas primeiras décadas da companhia como Águeda Sena, Carlos Trincheiras e, mesmo, Armando Jorge; as gloriosas colaborações de artistas plásticos como Artur Casais e Nuno Côrte-Real; e uma plêiade de compositores que a FCG, com o seu poderio financeiro, conseguiu agrupar em torno de um projecto único. Se houvesse ilusões quanto às qualidades de Marco Martins como observador de uma estrutura coreográfica de relevo – que se identifica com a dança portuguesa dos anos 60 aos 2000 – esta segunda encomenda não deixaria quaisquer dúvidas.

Em conclusão, se se cortassem as imagens ditas históricas e mundanas do filme (ficando logo com menos um quarto da duração) com que o realizador, à mingua de obras coreográficas pré-Salavisa dos tempos de Gore e Sparembek, foi resgatar dos arquivos de Cinemateca Nacional ou da RTP, e se tivesse feito um esforço por ter mais e melhor dança do que “palha”, o documentário teria honrado a memória e o trabalho de uma maioria silenciada, que apenas pode lamentar que neste repasto requentado se tenha servido – a todos quantos não tiveram oportunidade de ter conhecido a companhia – “gato por lebre”.

Referências

Antestreira do Documentário «Um Corpo que Dança», de Marco Martins. Ballet

- Gulbenkian 1965-2005. <https://gulbenkian.pt/agenda/antestreia-do-documentario-um-corpo-que-danca/>
- Comunidade Cultura e Arte (2022, maio 23). “*Um Corpo que Dança*”. *Documentário de Marco Martins estreia em Junho e é sobre a história do Ballet Gulbenkian*. <https://comunidadeculturaearte.com/um-corpo-que-danca-documentario-de-marco-martins-estreia-em-junho-e-e-sobre-a-historia-do-ballet-gulbenkian/>
- Laginha, A. (2014). *Memória da Saudade: o percurso e identidade artística do Ballet Gulbenkian como estrutura de referência na dança portuguesa (1961-2005)*. [Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra]. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/25418>
- Martins, M. (Realizador). (2022). *Um corpo que Dança* [Documentário]. Vende-se Filmes, RTP e F.C.G.
- Um corpo que Dança (2022). <https://umcorpoquedanca.pt/>